



Jacobos Arenas

Jacobo Arenas: breve biografia de um intelectual das FARC-EP

Ana Carolina Ramos e Silva
Doutoranda em História Econômica pela USP

Com a companhia de vocês não deve ser tão dura a guerra.
**Manuel Marulanda sobre a chegada de Jacobo Arenas e Hernando
González a Marquetalia.**

Para muitos o nome diretamente associado às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (FARC-EP) é o de Manuel Marulanda Vélez ou *Tirofijo*. E não é para menos, já que o legendário guerrilheiro participou desde os anos 1940 das lutas camponesas iniciadas após o 9 de abril de 1948 com o assassinato do caudilho liberal Jorge Eliécer Gaitán. No entanto, o presente artigo visa dar destaque a outro líder de grande importância, tanto para a fundação da guerrilha, quanto para sua orientação tático-estratégica posterior. Tal personagem ainda pouco lembrado fora da Colômbia foi Jacobo Arenas, um tipo de dirigente que deixou herdeiros no interior das FARC-EP do porte de Alfonso Cano.¹

Luis Alberto Morantes Jaimes, para sempre Jacobo Arenas, nasceu em Bucaramanga, departamento de Santander em 23 de janeiro de 1924. Essa região foi uma importante referência histórica nas lutas sociais na Colômbia, pois ali se realizou em 1781 a famosa insurreição dos *Comuneros*, envolvendo camponeses, indígenas e comerciantes contrários à super-exploração exercida pela Coroa espanhola sobre os pequenos produtores de algodão por meio de altos impostos.

Antes de se tornar um importante quadro do Partido Comunista Colombiano e posteriormente fundador das FARC-EP, Arenas teve uma significativa experiência política que envolveu participação no exército, vivência como proletário e militância no Partido Liberal.

Aos dezesseis anos ingressou na carreira militar, ocasião em que teve a oportunidade de aprender a ler e escrever. No entanto seu principal estímulo à leitura e ao desenvolvimento intelectual veio por meio da convivência com coronel Sáenz, quem lhe disponibilizou sua biblioteca particular. Arenas relembra o fato:

O coronel em confiança me dizia: Olha Jacobo, quando quiser estudar, ler algo aí tens a biblioteca. Era uma boa biblioteca. Nela ficava consultando livros e lendo, embora não entendesse muito, me interessava cada vez mais, porque via que o coronel Sáenz lia sempre, aprendi com ele o hábito pela leitura [...] (ALAPE, 2004, p. 295, tradução nossa).

Arenas permaneceu no serviço militar por vinte e sete meses, chegando a compor o Batalhão da Guarda Presidencial de Bogotá. Em 1945, aos 21 anos, trabalhou como operário na fábrica de produtos alimentícios Gavassa, em Bucaramanga, Santander. Nessa época já atuava como militante do Partido Liberal, sendo um fervoroso seguidor do ex-presidente liberal, líder da Revolução em Marcha,² Alfonso López Pumarejo (1934-1938 e 1942-1945). Além disso, Arenas foi presidente da Federação das Juventudes Liberais de Santander que teve papel importante no apoio às campanhas antifascistas que se desenvolveram durante a Segunda Guerra Mundial. Por meio da militância no Partido Liberal irá travar os primeiros contatos com os comunistas de Bucaramanga, tais como Roso Osorio, Manuel Ortíz e Juan Vargas, que conforme, Alape (2004), se destacavam por trajarem roupa branca com gravata vermelha. No entanto, essa passagem pelo Partido Liberal foi breve e logo iniciou suas atividades no Partido Comunista Colombiano (PCC) já como dirigente, algo raro para um novo membro. Logo em 1947 militou no PCC, tendo participado do famoso V Congresso, o qual dividiu o Partido em duas alas: de um lado Gilberto Vieira e de outro Augusto Durán, este último representante da linha browderista. Durán fazia uma crítica à direção do Partido, a qual segundo ele, estaria tomada por intelectuais. Havia, portanto, a necessidade de formar um Partido dirigido efetivamente por operários, o que o levou a fundar o *Partido Comunista Obrero*. Por sua origem operária, Jacobo Arenas identificou-se com o discurso de Durán e filiou-se ao novo partido, mas por pouco tempo, regressando logo ao Partido Comunista Colombiano.

Arenas seguiu então de Bucaramanga para Barrancabermeja, sede da maior refinaria de petróleo do país, cidade onde houve uma insurreição de vinte e dois dias após o assassinato de Gaitán em 9 de

abril de 1948. Neste local houve, inclusive, a tentativa de criação de um soviet durante este curto período. Arenas participou ativamente do movimento sindical junto aos operários petroleiros Segundo ele:

Desde esta época tenho vinculações com o movimento de trabalhadores petroleiros, me filio ao Partido Socialista Revolucionário, nome do Partido Comunista, e como funcionário sindical me aproximei dos trabalhadores do rio Magdalena, diaristas e barqueiros; em Barranca conheci o que foi o início da violência nos anos 1948, com o terrível assassinato do dirigente comunista Aurélio Rodríguez, assassinato que me pôs a tremer o coração de dor; de Barranca fui chamado à Bogotá pela central e aí transcorre grande parte da minha vida política (ALAPE, 2004, p. 317, tradução nossa).

A conjuntura posterior à morte de Gaitán foi marcada, como mostra o próprio depoimento de Arenas, por um violento processo de conflitos políticos especialmente no campo, momento em que o Partido Comunista Colombiano irá direcionar sua atenção e atuação para as guerrilhas que se formavam na zona rural em regiões como Sumapaz, Villarica, Viotá, Chaparral. A partir desse momento, Jacobo Arenas, sob ordens do PCC, passou a participar esporadicamente do movimento guerrilheiro, sendo enviado a lugares onde existiam focos armados sem clara orientação político-ideológica. Dentre essas regiões em que atuou destaca-se Villarica, local onde os camponeses estavam organizados em núcleos de autodefesas após a pacificação da ditadura militar de Rojas Pinilla (1953-1957).

Arenas retornou a Bogotá para atuar logo em seguida, com uma pequena guerrilha de vinte e cinco homens, na região dos *Llanos Orientales*, localidade onde se iniciara um movimento agrário organizado por colonos que reivindicavam a melhoria das condições de infra-estrutura para o desenvolvimento econômico da região (ALAPE, 2004). Ali desempenhou um importante papel político como orientador do movimento agrário, o que, de acordo com a presente interpretação, marcaria toda a sua trajetória como militante comunista.

Rumo a Marquetalia

A próxima missão designada a Jacobo Arenas seria definitiva em sua vida.

Os camponeses localizados em Villarica que não aceitaram a anistia imposta pelo governo de Rojas Pinilla e que por isso foram

duramente atacados pelo exército, aos poucos, sob orientação do Partido Comunista, migraram para as regiões de Marquetalia, Guayabero, El Pato e Riochiquito. Marquetalia, uma região situada na Cordilheira Central Colombiana, localizada em uma área montanhosa com a maior altitude do país: o Nevado de Huila, com 5.150 metros. Originalmente, tal território foi habitado pelos índios da tribo Paez que logo entraram em contato com os camponeses deslocados pela violência da década de 1950 (ARENAS, 1972). Tais camponeses, em geral, eram ex-guerrilheiros que sob orientação do Partido Comunista Colombiano constituíram ali núcleos de autodefesas e um movimento agrário.

Neste contexto, um fato histórico foi determinante para a esquerda colombiana, o triunfo da Revolução Cubana (1959), sinalizando que nos países latino-americanos a luta revolucionária poderia ser iniciada no campo. A partir de 1958, entrou em vigência na Colômbia um regime de coalizão composto pelos partidos Liberal e Conservador denominado Frente Nacional e que perdurou por dezesseis anos. Sob a legislatura do presidente conservador Guillermo León Valencia (1964-1966) teve início a elaboração de um plano para exterminar as autodefesas camponesas que foram pejorativamente denominadas Repúblicas Independentes, de modo a impedir que as cordilheiras colombianas se convertessem em uma nova *Sierra Maestra*.

O Partido Comunista Colombiano, com militantes infiltrados no exército, soube previamente dos ataques. Publicou a notícia em detalhes no jornal do PCC chamado *Voz de la democracia*. Teve por isso sua sede fechada e sua circulação proibida. No entanto, a notícia ecoou e chegou até os principais interessados: os camponeses organizados de Marquetalia comandados por Manuel Marulanda Velez. Jacobo Arenas descreve como o Partido tomou conhecimento da ação:

O comitê executivo do partido tinha a informação precisa de que em 14 de maio de 1964 começaria a operação militar contra a região de Marquetalia, informação fidedigna, filtrada e comunicada por alguém próximo ao Estado Maior do exército, informação que esclarecia com dados minuciosos que na operação participariam cerca de 14 mil homens com o fim de liquidar – era um plano para um mês – aos homens de *Tirofijo*, em uma ação que devolveria a soberania nacional a esse território qualificado de “República Independente” (ALAPE, 2004, p. 284, tradução nossa).

Com a iminência do ataque, Manuel Marulanda pediu ao PCC reforços que auxiliassem e orientassem os camponeses a se defenderem. O Partido enviou dois quadros à região: Hernando González Acosta, da Juventude Comunista, e Jacobo Arenas. Curiosamente, em uma conversa que tiveram a caminho de Marquetalia, Jacobo e Hernando se perguntavam sobre quanto tempo duraria a jornada: “Jacobo e Hernando falavam sem a angustiada incerteza do tempo que teriam que estar em Marquetalia. Jacobo disse, de repente um mês ou dois meses” (ALAPE, 2004, p. 315, tradução nossa). Sua estada na guerrilha durou mais do que esperava: o restante de sua vida.

Em 18 de maio de 1964 o exército iniciou a Operação Marquetalia. Foram enviados quatorze mil soldados para combater 42 camponeses alçados em armas. Arenas em entrevista a Alape recorda que:

Um exército armado até os dentes, com todos os recursos humanos e técnicos organizando uma guerra, a guerra em todo sentido, contra um grupo de homens sumamente reduzidos, acusados pelo delito de pensar diferente do estabelecido. Fazendo uma análise sem contemplações nem idealismos pueris, chegou-se à conclusão que na realidade havia 42 ou 44 homens sob o comando de Marulanda que estavam dispostos a enfrentar esse tipo de luta. O restante eram pessoas da autodefesa, do movimento agrário, em geral, pessoas que pertenciam à população civil. (ALAPE, 2004, p. 323, tradução nossa).

O exército não alcançou o objetivo de exterminar o movimento agrário, ou seja, os guerrilheiros foram vitoriosos em sua estratégia defensiva. Em julho de 1964 realizaram a Primeira Conferência Guerrilheira do Bloco Sul. Nessa conferência, decidiu-se por integrar as agrupações guerrilheiras dispersas na região e para isso convocou-se a Segunda Conferência Guerrilheira do Bloco Sul na qual foram fundadas oficialmente as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Jacobo Arenas teve papel decisivo nessa Segunda Conferência que ficou conhecida como Conferência Constitutiva das FARC. Antes que ela fosse realizada, participou do Décimo Congresso do Partido Comunista que aprovou a seguinte tese sobre a luta armada:

A luta armada surge e se desenvolve na Colômbia, em sua modalidade guerrilheira, mesmo quando ainda não exista no país uma situação revolucionária. Seria negativo e fatal para o

movimento revolucionário colombiano permitir passivamente o aniquilamento das organizações camponesas com o argumento de que há que esperar a completa maturidade de uma situação revolucionária [...] O movimento guerrilheiro que cresce atualmente tem um caráter mais definido e elevado que as lutas guerrilheiras de etapas anteriores, não somente porque se beneficia de todas suas experiências, mas principalmente porque tem um claro conteúdo revolucionário e antiimperialista e se coloca como objetivo central a tomada do poder para o povo (PCC, 1966, p. 90-92, tradução nossa).

Munido dessa orientação política vinda do Comitê Executivo do PCC, Arenas voltou a Marquetalia para fundar junto a Marulanda e aos demais combatentes as FARC.

O legado de Jacobo Arenas

É lugar comum encontrar referências a Manuel Marulanda como estrategista militar da guerrilha e a Jacobo Arenas como ideólogo. Tal afirmação é parcialmente verdadeira, pois o que se observa na relação entre ambos é uma complementação orgânica sobre as discussões e orientações estratégicas e políticas no interior da guerrilha. Como exemplo é interessante ressaltar o debate em torno da estratégia a ser adotada pelo movimento agrário de Marquetalia diante da iminência do ataque por parte do exército. Em uma reunião Marulanda salientou que: “nesse momento temos que traçar como concepção militar: a guerra de guerrilhas, a concepção da guerrilha móvel” (ALAPE, 2004, p. 322, tradução nossa). Jacobo por sua vez, complementando as colocações de Marulanda, esboçava a preocupação em dar visibilidade ao movimento de Marquetalia para a sociedade civil colombiana e mundial. Deste modo, Jacobo Arenas recorda outra conclusão elaborada na reunião além da adoção da tática de guerrilhas móveis:

Elaboramos uma imensa lista de nomes de pessoas e de instituições para dirigir proclamações, cartas abertas, para as Nações Unidas, os intelectuais europeus, o proletariado colombiano, as assembléias departamentais, os conselhos municipais, os camponeses, as classes médias da população, ou seja, nos dirigimos a todo o mundo, batemos em todas as portas, ao governo, a seus ministros, denunciando a agressão do exército contra uma região agrária que até esse momento era defendida por um grupo de autodefesa (ALAPE, 2004, p. 323, tradução nossa).

No interior da guerrilha, Arenas foi professor de filosofia e desde Marquetalia realizou um persistente trabalho de educação política marxista junto aos combatentes. Em entrevista a Arango ressaltou que:

Eu me defino como marxista, como marxista-leninista. Mas não é algo que se diga sou marxista e sou leninista porque eu gosto, mas porque possuo uma concepção ideológica. Eu estudei o marxismo e o leninismo e além disso sou professor de filosofia. Ninguém me fez professor, eu me fiz professor lendo, estudando a literatura marxista [...] Manejo com certa destreza a concepção, o materialismo dialético. Meu método de conhecimento é o materialismo histórico [...] E isso eu aprendi mediante o estudo, mediante a leitura e mediante a luta revolucionária do meu povo (ARANGO, 1984, pp. 35-51, tradução nossa).

Voltando à questão posta por Marx sobre quem educa o educador, pode-se constatar pelo depoimento de Arenas que sua própria militância junto ao movimento guerrilheiro o educou e o preparou para o papel de educador junto aos combatentes. Além disso, seu trabalho político-ideológico sempre se fez presente nas concepções táticas e estratégicas da guerrilha. É desta maneira que contribui significativamente para as elaborações que irão proporcionar às FARC a superação da etapa das guerrilhas móveis até a constituição de um verdadeiro exército guerrilheiro revolucionário. Tal concepção foi esboçada na Sexta Conferência de 1978 e ratificada na Sétima Conferência de 1982, que inclusive adicionou ao nome da guerrilha a sigla EP, ou seja, Exército do Povo. Conforme Arenas (1985, p. 95, tradução nossa):

A Sétima Conferência nos deu outra importantíssima concepção, agora de caráter militar, ou seja, um novo modo de operar que converte as FARC em um movimento guerrilheiro autenticamente ofensivo. Novo modo de operar significa que as FARC já não esperam seu inimigo para emboscá-lo, mas que vão em busca dele para localizá-lo, assediá-lo e capturá-lo.

É importante observar que a proposta de formação de um exército popular corresponde ao momento de aprofundamento da estratégia política das FARC para a tomada do poder do Estado, isto é, a passagem da guerra de movimento – que não é abandonada por completo – para a guerra de posição, conforme declara o próprio Marulanda no início dos anos 1980:

Nós temos uma estratégia e uma tática militar. Nós tomamos pontos estratégicos dentro do território nacional e além disso devemos tomar outros e começar, a partir destes pontos, a formação, equipamento e treinamento desse exército revolucionário que estamos construindo por meio de um recrutamento em todas as camadas da classe média, do campesinato, do proletariado e, desse ponto, criar as condições para partir em busca das partes estratégicas que são os centros vitais da produção, da comunicação, da cultura e da parte militar (ARANGO, 1984, p. 105, tradução nossa).

Pode-se perceber pela exposição de Marulanda uma estratégia de hegemonia e de guerra de posição que parte de um movimento militar e expande-se para a política, a economia e a cultura. Seguramente, pelo papel que desempenhou nas FARC desde a sua fundação, Jacobo Arenas foi um dos artífices, senão o principal deles, dessa guinada da organização de uma estratégia defensiva de guerrilha móvel para uma concepção mais sofisticada de construção da hegemonia político-militar e tomada do poder do Estado.

Tal concepção e participação de Arenas se expressariam na atuação que teve durante seus últimos anos de vida. Como já salientado acima, a Sétima Conferência das FARC de 1982 constitui um marco em sua história dada a reorientação político-militar já mencionada. Significativo nesse sentido foi a constituição da União Patriótica surgida em 1985 como derivação dos acordos de paz de *La Uribe* (1982), propostos pelo presidente Belisario Betancur. Este acordo estipulou que os integrantes das FARC teriam o direito de se organizarem política, econômica e socialmente, segundo sua livre decisão, respaldados pelo governo que lhes outorgaria, de acordo com a Constituição e com as leis, as garantias e estímulos pertinentes para a anistia. Em 11 de maio de 1985 as FARC lançaram uma plataforma de 20 pontos considerada como marco da fundação da União Patriótica. Dentre estes pontos cabe salientar o primeiro e o segundo:

1o As FARC conduzirão, em união com outros partidos, movimentos democráticos e de esquerda, a luta das massas populares pelo retorno à normalidade [...], por uma abertura democrática que garanta o livre exercício da oposição e seu acesso a todos os meios de comunicação social, sua organização, sua luta e mobilização até criar um clima de participação popular nas gestões do Estado.

2o Dentro do marco da abertura democrática, as FARC, em união com outros partidos e correntes de esquerda, lutarão utilizando todos os meios ao seu alcance por uma reforma dos costumes políticos para desmontar o monopólio da opinião exercido pelos partidos tradicionais e abrir o canal da participação das maiorias nacionais nos assuntos do governo (BUENAVENTURA, 1986, p. 80, tradução nossa).

Jacobo Arenas teve seu nome indicado para concorrer às eleições presidenciais em 1986 com a sigla da UP. No entanto, devido a informações recebidas de que se formava um complô para assassiná-lo recuou da decisão em favor de Jaime Pardo Leal, o qual foi assassinado em 1987.

Durante a década de 1980, Jacobo Arenas atuou como o principal negociador dos processos de paz entre a guerrilha e o Estado. Foi membro da Comissão Nacional de Paz, além de ser um dos fiadores da formação de uma ampla frente de oposição ao secular poder oligárquico colombiano.

Essa última fase de sua militância política está documentada em livros nos quais analisou as possibilidades e obstáculos ao processo de paz na Colômbia, tais como: *Correspondencia Secreta del Proceso de Paz* (1989); *Cese el Fuego* (1985); *Paz, Amigos y Enemigos* (1990); *Vicisitudes del Proceso de Paz* (1990). Juntamente com o clássico *Diario de Resistencia de Marquetalia* (1972), que se constituiu em um dos mais importantes documentos históricos da esquerda colombiana, estes livros permitem uma apreciação do conjunto das reflexões deste importante revolucionário colombiano e latino-americano. Jacobo Arenas morreu vítima de um infarto fulminante durante uma reunião do Secretariado Nacional em 10 de agosto de 1990.

Como se revelou, com o genocídio perpetrado contra a UP nos anos 1980 e 1990 e a permanência até o momento de um intenso conflito entre as FARC e o Estado oligárquico colombiano, a última proposição política da qual participou Jacobo Arenas, expressa na sua afirmação “não queremos ganhar a guerra, queremos ganhar a paz”, foi derrotada.

No entanto sua trajetória representa uma das mais singulares no conjunto da esquerda colombiana, suscitando questões importantes para a análise histórica, tais como: teria sido Jacobo Arenas o intelectual que melhor vislumbrou e definiu uma política de aliança operário-camponesa para o específico contexto colombiano

no século XX? Teria sido ele um dos principais responsáveis para que o movimento camponês na Colômbia criasse seus próprios intelectuais? Por fim: Arenas representou a própria hegemonia da linha política do Partido Comunista Colombiano no interior das FARC? São questões que evidentemente não temos condições de responder no momento, mas que abrem a perspectiva para pesquisas posteriores. Uma continuidade com essa temática, sugere-se aqui, está na análise da recém interrompida trajetória de outro importante comunista latino-americano – Alfonso Cano.

Alfonso Cano foi um militante de origem urbana que ingressou em um movimento de origem camponesa, daí um ponto de proximidade com a trajetória de Jacobo Arenas. Além disso, por sua formação intelectual marxista, Cano tinha um perfil que o habilitava a desempenhar um papel importante na consolidação da linha político-ideológica do movimento, sendo provavelmente este um dos motivos que o conduziu ao posto de chefe máximo das FARC, ou seja, o primeiro após Manuel Marulanda.

Nascido em 1948, na cidade de Bogotá, Alfonso Cano cursou Direito e Antropologia na *Universidad Nacional de Colombia*. Nesse período, foi líder estudantil e dirigente da Juventude Comunista do Partido Comunista Colombiano, tendo ingressado nas FARC nos anos 1970. Já na década de 1980, como membro do Secretariado das FARC, composto também por Manuel Marulanda, Jacobo Arenas, Raul Reyes e Timochenco, participou de momentos decisivos da organização, tais como a Sétima Conferência de 1982, os acordos de paz de La Uribe (1982) e a fundação da UP (1985).

Como comandante em chefe das FARC-EP a partir de 2008, Cano vinha enfrentando a difícil missão de elaborar uma estratégia capaz de responder ao cerco militar imposto à guerrilha pelos governos de Álvaro Uribe (2002-2010) e Juan Manuel Santos (2010 -).³ Para isso, encaminhou uma nova proposta de diálogos entre a guerrilha e o Estado, retomando provavelmente o que havia sido uma das diretrizes políticas sustentada e levada a cabo por Jacobo Arenas nos anos 1980. O esforço de Alfonso Cano em iniciar um novo processo de negociação política entre as FARC-EP e o governo colombiano se evidenciou, por exemplo, no início de 2011, quando a guerrilha libertou unilateralmente 5 presos políticos (2 vereadores e 3 membros do exército) como prova da disposição em empreender uma saída negociada ao conflito armado, propostas estas mediadas e apoiadas pela senadora Piedad Córdoba (Partido Liberal).

Após o anúncio da execução de Alfonso Cano, o presidente da Colômbia em exercício, Juan Manuel Santos, afirmou que para as FARC-EP somente restam “a desmobilização, o cárcere ou a tumba”. Em suma, ele revela, sem rodeios, sua proposta de continuidade com o velho padrão genocida de ação da oligarquia colombiana frente à luta de classes. Resta saber qual será a resposta das FARC-EP a essa política de sangue e fogo. Muito provavelmente, com a morte de Alfonso Cano, foi sepultada a possibilidade de uma saída politicamente construída entre o Estado e a guerrilha para dar fim ao conflito armado. As portas ao diálogo foram violentamente fechadas e a direita colombiana e mundial brindam ao seu triunfo e exibem seu mais novo troféu. No entanto, os problemas estruturais que deram origem à guerrilha permanecem, assim como permanece a herança de Marulanda, Jacobo Arenas, Raul Reyes, Ivan Ríos, Mono Jojoy e Alfonso Cano. Como já se evidenciou no cerco a Marquetalia na década de 1960, o mero ataque militar perpetrado pelo Estado em aliança com o imperialismo não põe fim à luta de classes, ao contrário, a alimenta. Infelizmente, a história da violência na Colômbia terá novos capítulos.

Notas

1. Este artigo estava em fase de finalização quando o líder das FARC Alfonso Cano (1948-2011) morreu em combate com o exército colombiano.
2. Em sua primeira legislatura (1934-1938) o governo do liberal Pumarejo, denominado Revolução em Marcha, propôs a realização de uma série de reformas para o país, dentre elas a reforma agrária.
3. O principal instrumento do Estado colombiano nesse sentido foi a elaboração do Plano Colômbia, que teve início no ano 2000, caracterizando-se por uma aliança entre o governo dos EUA (o financiador) e o governo colombiano para o combate ao tráfico de drogas na Colômbia, assim como para a desestruturação das guerrilhas de esquerda no país, em especial as FARC-EP. No entanto, segundo Valencia (2005, p. 141-142): “Foi com a eleição e a posse do Presidente Uribe que se começou realmente a desenvolver um projeto com a mudança de objetivo, da contenção para a eliminação. O Presidente chamou de ‘segurança democrática’ a sua estratégia, constante de duas linhas fundamentais: negociar com os paramilitares a sua desmobilização e derrotar militarmente as guerrilhas”.

Bibliografia

- ALAPE, A. Las vidas de Pedro Antonio Marín, Manuel Marulanda Vélez, Tirofijo. Bogotá: Planeta, 2004.
- ARANGO, C. Farc viene años: de Marquetalia a La Uribe. Bogotá: Aurora, 1984.

ARENAS, J. Diario de resistencia de Marquetalia. 2. ed. Bogotá: Abejón Mono, 1972.

_____. Cese el fuego: una historia política de las FARC. Bogotá: La Oveja Negra, 1985.

_____. Correspondencia secreta del proceso de paz: recopilación, notas y comentarios. Bogotá: La Abeja Negra, 1989.

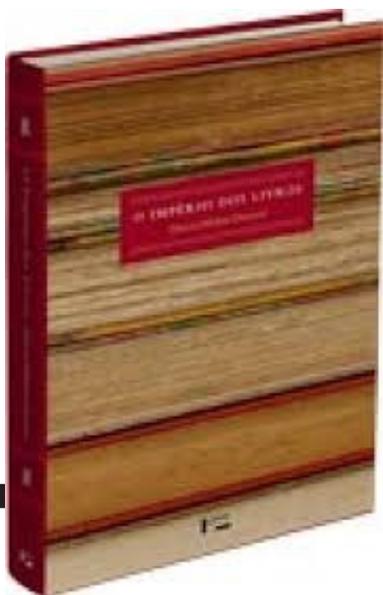
_____. Paz, amigos y enemigos. Bogotá: La Abeja Negra, 1990.

_____. Vicisitudes del proceso de paz: notas, documentos, comentarios. Bogotá: La Abeja Negra, 1990.

BUENAVENTURA, N. Unión Patriótica y Poder Popular. Bogotá: Ediciones CEIS, 1986.

PCC. Resolución política del décimo congreso. Documentos Políticos: revista del Partido Comunista. Bogotá, n. 57, p. 90-104, fev. 1966.

VALENCIA, León. Drogas, conflicto e os EUA. A Colômbia no início do século. Estudos Avançados. Dez 2005, vol.19, no.55, p.129-151.



O Império dos Livros

Marisa Midori

“A cidade de São Paulo é triste, monótona e quase desanimada. Quando os estudantes da Faculdade de Direito vão às férias, então é que se reconhece melhor o que acabamos de dizer e tivemos ocasião de verificar... Redigido por Augusto Emílio Zaluar, em sua peregrinação pela Província de São Paulo, o texto mais se parece com um desabafo de quem passou pela capital dos paulistas e não gostou do que encontrou; ou melhor, do que não encontrou.

São Paulo de inícios dos oitocentos não deveria causar maior impressão a qualquer viajante à cata de aventura, atividade cultural ou ainda mais social. A urbe era mais conhecida pela alcunha de “cidade

de terra”, tal a quantidade de poeira que cobria o transeunte, ou, quem sabe, numa homenagem irônica à cor monótona das casas, revestidas de taipa. O fato é que ela servia mais como entroncamento de tropas, parada ligeira de viagem, do que de pouso seguro ou desejado.

Pois é atrás dessa metrópole improvável que Marisa Midori Deaecto se debruçou em *O Império dos Livros – Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. A autora tira água de pedra, ou pedra do barro, para descrever os poucos e tacinhos espaços de circulação e consumo de livro, ou mesmo de realização de práticas coletivas de cultura”. (Lília Moritz Schwarcz)